



***Um guia prático para não se tornar
vítima das mentiras que a internet
conta***

Fake News é culpa da internet e só vai acabar com o fim da própria rede, diz especialista de Harvard

Um estudo publicado recentemente por uma equipe de pesquisadores da Universidade de Harvard (EUA) conduzida pelo especialista em Mídia e Comportamento Humano Dr. John Henry Shoeshine (foto), concluiu que as fake news (notícias falsas) são um fenômeno recente, diretamente ligado à internet. “Foi apenas a partir do momento em que a rede mundial se consolidou que as pessoas começaram a divulgar e consumir esses conteúdos falsos”, afirmou Shoeshine. “E se quisermos discutir seriamente o fim das fake news, precisamos ter coragem de discutir também seriamente o fim da internet”, disse o especialista.



○ texto acima poderia ser a reprodução de um artigo de jornal ou revista, ou de um portal de notícias. Mas, da primeira à última palavra, ele é completamente falso: o título, o estudo, o nome do cientista e sua especialidade, sua foto (retirada de um banco de imagens públicas), as conclusões e a solução apresentada para solucionar o problema – absolutamente tudo foi inventado. A única coisa verdadeira é a definição de Harvard, que de fato é uma universidade que fica nos Estados Unidos.

É isso, de maneira simplificada, que é uma fake news: uma mentira apresentada em forma de notícia. Seu objetivo é enganar as pessoas para manipular suas opiniões - seja para destruir a imagem de alguém, para atacar conceitos científicos, causar pânico ou gerar divisões entre grupos.

A internet é uma importante auxiliar nesse processo; ela oferece as ferramentas tanto para se criar uma postagem falsa quanto para divulgá-la. Mas a rede é apenas um meio para se atingir um fim. Para uma fake news cumprir seu papel, é preciso um outro fator, bem mais essencial: as pessoas.

Afinal, mentiras e boatos sempre existiram, desde que os seres humanos se reuniram em suas primeiras aldeias. E elas nunca dependeram (nem nunca vão depender) de tecnologias sofisticadas. O que determina se “pegam” ou não, se ganharão força até começarem a ser vistas como verdades, é sua propagação em larga escala – antes feita através do boca a boca, hoje via fibras ópticas, computadores e celulares.

É para ajudar a reconhecer quando uma notícia é falsa que elaboramos este material, que mostra como, com um pouco de treino e de atenção, é possível aprender a não se tornar vítima das fake news – e dos males que elas causam.

Boa leitura.

1 – PARA COMEÇAR

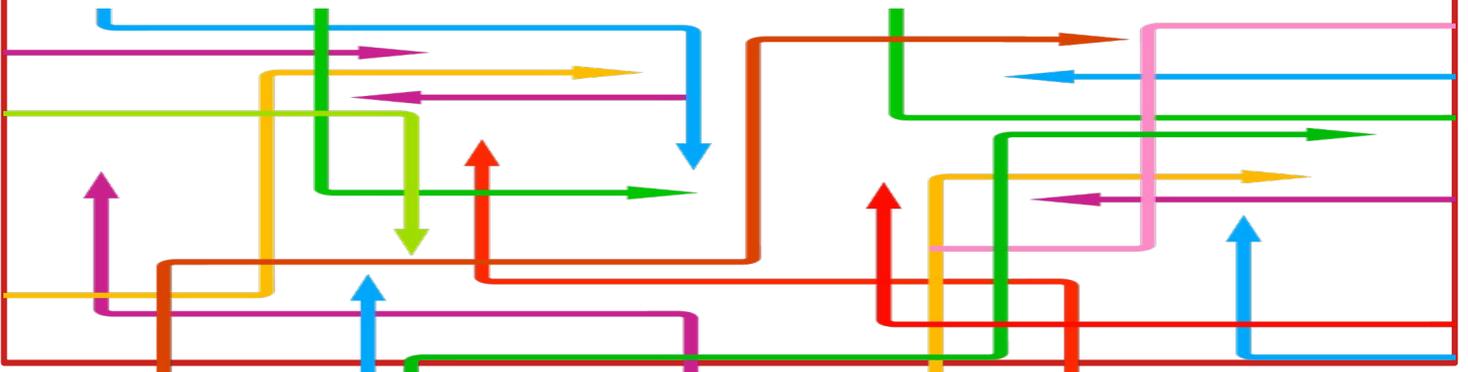
Embora a definição de fake news seja simples – basicamente, uma mentira disfarçada de notícia – ela vem assumindo novos formatos e se tornando visualmente mais complexa, conforme as tecnologias evoluem.

Assim, se há alguns anos era fácil notar quando uma imagem havia sido manipulada ou incluída em um texto ao qual não pertencia, hoje pode ser necessário até usar programas específicos de computador para determinar isso. E o aperfeiçoamento da Inteligência Artificial já permite ir muito além das fotos: é possível falsificar gravações de voz ou alterar o conteúdo de vídeos – as chamadas *deepfakes* (que veremos em detalhes mais adiante).

Dito assim, pode parecer muito difícil identificar uma fake news. Mas, a não ser que a estrutura que vem sendo usada para criá-las desde que surgiram sofra uma mudança radical, os sinais de que se trata de uma notícia falsa são sempre os mesmos, e podem ser percebidos sem muito esforço.

Mas vamos primeiro reforçar o conceito:

Fake news são histórias falsas, criadas deliberadamente com o objetivo de confundir e enganar. Têm grande apelo emocional, e por isso são aceitas, consumidas e replicadas por milhões de pessoas.



Em outras palavras: são mentiras apresentadas de forma a parecer notícias - e quanto mais apelativas e chocantes, melhor.

O roteiro básico de uma fake news inclui um título chamativo ou exagerado, algumas linhas de história e, para dar mais “credibilidade”, uma imagem que “se encaixe” no assunto.

Não há limites para os temas abordados; tragédias, medidas econômicas, personalidades como artistas e políticos – tudo serve.

E seria quase impossível diferenciar o que é mentira e o que é verdade, não fosse o fato das fake news seguirem um padrão que é mais ou menos fixo. Esse padrão pode ser observado através das seguintes pistas:

A manchete sempre apela para o lado emocional, buscando causar reações como indignação, medo ou choque. E nunca corresponde ao conteúdo do texto.

Uma fonte de informação confiável (um médico ou um cientista famoso ou uma instituição renomada, por exemplo) é citada - sempre fora de contexto - para dar credibilidade a um conteúdo polêmico.

Imagens de pessoas, locais ou acontecimentos são adulteradas. O mais comum é que elas sejam antigas, mas apresentadas de maneira a parecerem atuais, “confirmando” a mentira.

Esses são os primeiros sinais de alerta de que uma publicação pode ser uma fake news, e ao notar qualquer um deles, é preciso acionar a “fase dois” da checagem: verificar se a notícia é verídica. Para isso, siga os seguintes passos:

CONSIDERE DE ONDE VEIO A NOTÍCIA. Se foi via redes sociais, mesmo que enviada por amigos ou familiares, a probabilidade de se tratar de fake news é muito alta.

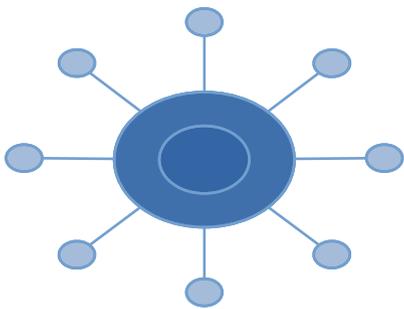
CHEQUE A DATA DA PUBLICAÇÃO para verificar se a história ainda é relevante e se está atualizada.

NUNCA LEIA SÓ O TÍTULO. É impossível condensar uma notícia, seu contexto e desdobramentos em duas ou três linhas. Leia a história completa antes de tirar conclusões.

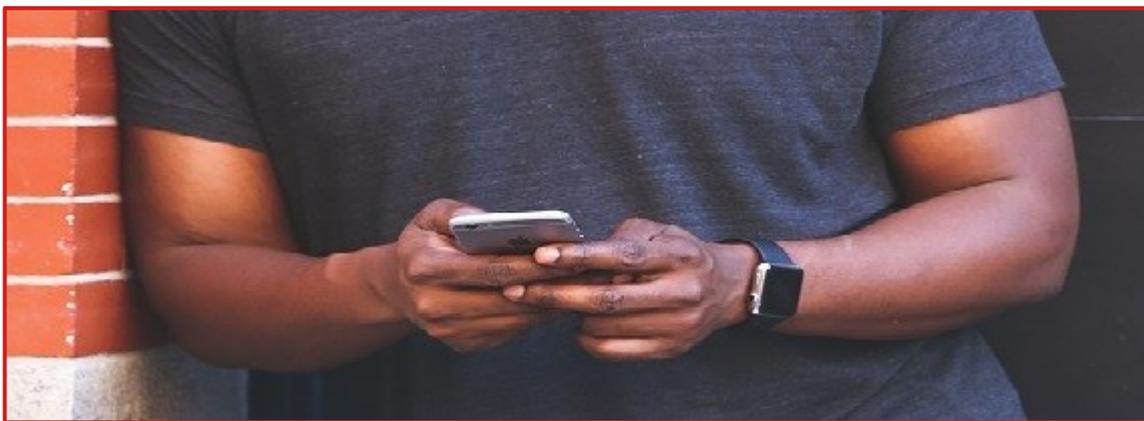
NÃO ACEITE UMA NOTÍCIA COMO VERDADEIRA só porque ela foi enviada por alguém com quem você tem afinidade; e nem taxe como falsa toda notícia que vier de pessoas ou grupos com os quais não se tem simpatia.

Se mesmo depois desses passos ainda assim restarem dúvidas, há outras duas dicas que podem determinar com certeza quase absoluta se uma notícia é fake ou não:

1) Use o princípio do ineditismo. Se uma notícia de grande impacto - uma medida econômica que vai afetar a população, a queda de um avião ou a morte de uma celebridade, por exemplo - apareceu em um único site, muito provavelmente ela será falsa. Fatos como esses **sempre estarão disponíveis em mais de um local na internet.**



2) Use os sistemas de checagem que as empresas jornalísticas desenvolveram especificamente para identificar as fake news. Sites como *Projeto Comprova*, *UOL Confere*, *Agência Lupa*, *Estadão Verifica*, *G1 Fato ou Fake*, *E-Farsas*, *Boatos.org* ou *Aos Fatos*, entre muitos outros, fazem um acompanhamento permanente das publicações que mais chamaram a atenção dos internautas e investigam se elas são verdadeiras ou não. **A consulta é gratuita e aberta a qualquer pessoa.**



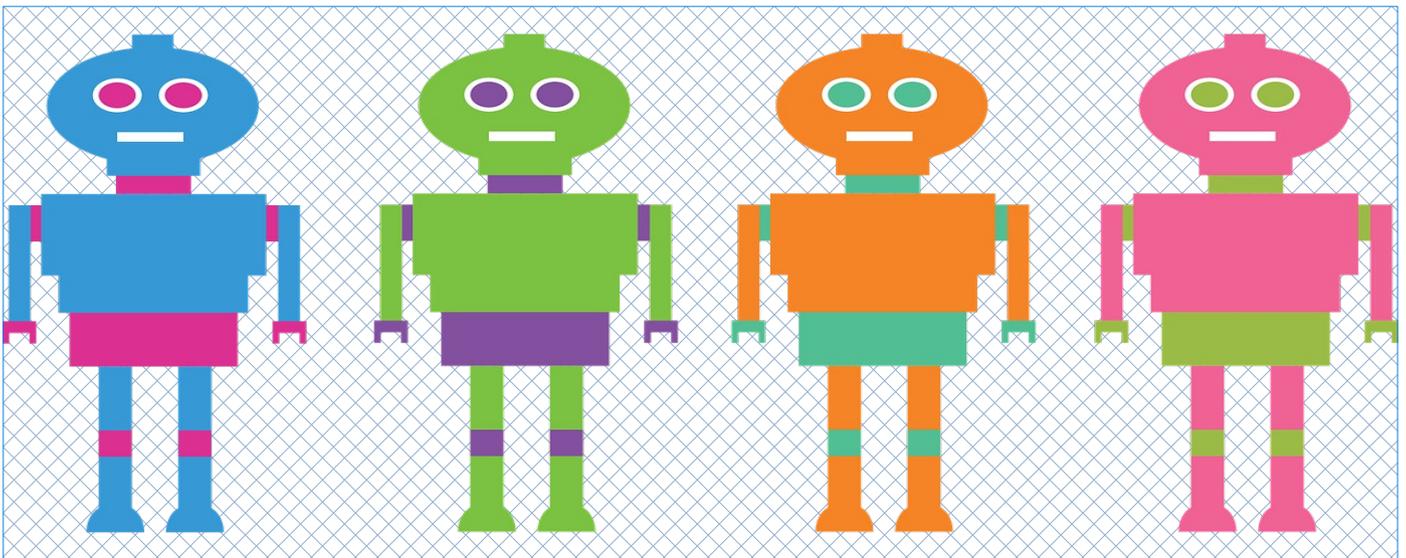
Cuidado para não confundir fake news com piadas ou sátiras; elas também usam notícias "mentirosas", mas com objetivo evidente de divertir, não enganar



2 - COMO FOGO NA PALHA

Existem vários motivos que explicam como as fake news ganharam a dimensão que têm hoje. Há, claro, a questão da tecnologia: a internet não só é um meio de propagação extremamente eficiente, como também fornece as ferramentas necessárias para se criar uma notícia falsa com rapidez e “qualidade”.

Além disso, as pessoas ou organizações por trás das notícias falsas têm todo um arsenal de programas para produzi-las e também para divulgá-las, como os robôs, capazes de disparar uma publicação para um número enorme de pessoas numa velocidade muito alta.



Isso sem dúvida facilita o processo. Mas o que faz com que uma fake news comece a ser vista como verdade não é nenhum programa de computador: somos nós. Nosso comportamento é que vai determinar se um boato ou uma mentira vai sobreviver ou não – exatamente como acontece na vida real.

Faz parte do nosso subconsciente o desejo de confirmar as coisas em que acreditamos (assim como de negar aquelas com as quais não concordamos). É por isso que toda vez que encontramos uma notícia que corresponda às nossas posições (religiosas, políticas etc) tendemos a **acreditar nela** antes de **pensar sobre ela**.

Quem gera as fake news sabe perfeitamente bem disso – por isso elas sempre têm um forte apelo emocional, para nos atrair de imediato. Quanto mais nos identificarmos com elas, e quanto mais virmos que ela está sendo compartilhada por um grande número de pessoas, o mais provável é que também passemos a acreditar nelas, por mais esdrúxulas que sejam.

É mais ou menos como escolher um restaurante numa cidade que não conhecemos: vamos sempre nos sentir mais confortáveis naquele que tem mais movimento, porque teoricamente deve ser melhor.

Acreditar nas fake news, porém, tem um preço. E ele é alto. Passa-se a dar mais valor às fontes que espalham mentiras do que àquelas que fornecem informação confiável. E com isso, cria-se um ambiente de incerteza que torna fácil destruir reputações, prejudicar instituições e espalhar teorias da conspiração.



Depois de algum tempo, as pessoas que aceitam as fake news como verdades começam a apresentar um quadro mental próximo da obsessão. Tornam-se incapazes de admitir que estão erradas, se ofendem com qualquer crítica sobre suas ideias e rompem com todos os que pensam de maneira diferente delas, mesmo que sejam amigos de longa data ou até parentes. Para todos os efeitos, se tornam marionetes - controladas por quem controla as fake news.

3 – DEEPPFAKE, A OBRA-PRIMA DA MENTIRA

No universo das fake news, não se pode acreditar nem no que se lê, nem no que se ouve e nem no que se vê. O rosto da pessoa que está um vídeo pode não ser o dela; o que ela está falando pode ser a combinação entre um programa que imita sua voz e outro que sincroniza os movimentos labiais; as expressões faciais podem ter sido montadas. E o resultado é quase perfeito.

Essa é a chamada *deepfake* - uma fake news tecnicamente muito bem trabalhada, que usa recursos como a Inteligência Artificial (IA) para colocar num traje de gala até a mais pobre das mentiras – basta um modelo do rosto da pessoa que se quer “fakear”.

Quando o primeiro programa que fazia isso surgiu, era preciso ter conhecimentos avançados para usá-lo. Hoje, é muito simples, e poucas são as celebridades que nunca foram vítimas das deepfakes – algumas vezes como brincadeira, outras com o objetivo de prejudicá-las.

O mesmo programa é usado para manipulação de áudios, criando gravações que simulam a voz de determinada pessoa (uma das formas mais comuns de divulgar notícias falsas pelo WhatsApp); para simular a autoria de textos; para criar perfis falsos; e até mesmo para alterar uma transmissão ao vivo.



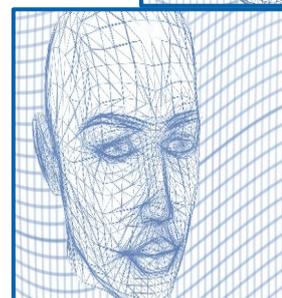
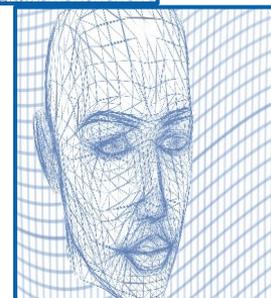
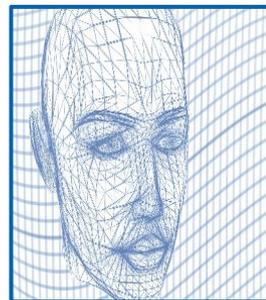
Os efeitos de uma deepfake podem ir muito além de um mero constrangimento. Ela permite falsificar um momento de descontração entre amigos para criar um álibi; postar um depoimento que a pessoa nunca deu, para acusá-la de defender um ponto de vista polêmico ou ofensivo; vincular a pessoa ao cometimento de um crime; e por aí vai.

Mas por mais sofisticada que seja, como qualquer fake news também é possível aprender a detectar as deepfakes a partir de algumas técnicas simples:

1) Coloque o vídeo no início e assista-o diversas vezes, em todas as velocidades disponíveis. Isso torna as falhas mais fáceis de serem visualizadas.

2) Preste atenção especial ao rosto da pessoa que aparece no vídeo, especialmente olhos, sobrancelhas e boca. Um piscar de olhos mais lento ou um “salto” numa expressão facial são sinais de que se trata de uma imagem adulterada. Pele lisa ou enrugada demais também servem de alerta.

3) Se ainda assim restarem dúvidas, pesquise o conteúdo; como sempre, qualquer notícia de grande impacto estará em um ou mais portais de notícias confiáveis.



E para evitar que algum dia você ou alguém da sua família sejam vítimas das deepfakes, procure tomar os seguintes cuidados:

Não hospede vídeos pessoais em redes sociais de forma pública

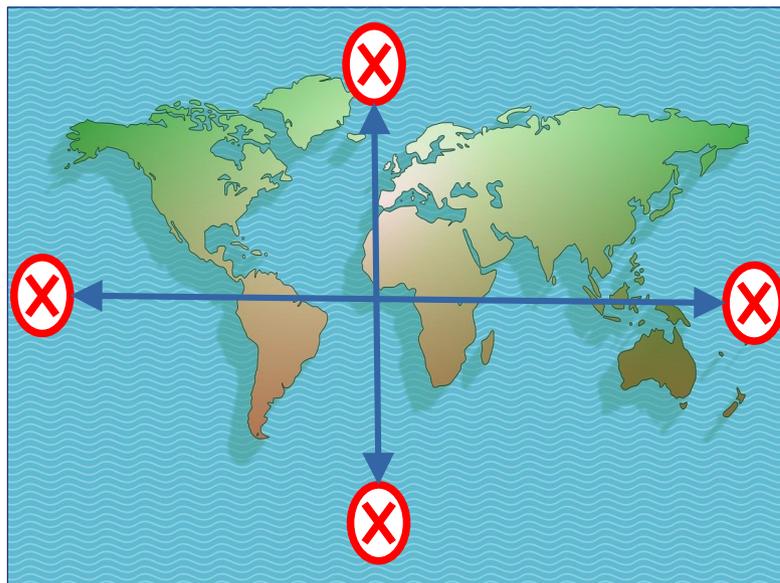
Nunca compartilhe vídeos pessoais com pessoas que você não conhece

Se surgir alguma deepfake que prejudique você, junte o máximo de informações que puder (quando apareceu, em qual rede social, etc) e procure um advogado assim que possível

4 – NADA É ABSURDO DEMAIS

O efeito das fake news sobre as pessoas chega a ser assustador. Mesmo as ideias mais absurdas e ridículas encontram milhões de defensores ardorosos mundo afora.

Caso, por exemplo, dos terraplanistas ou dos grupos antivacina. Os primeiros duvidam que a Terra seja uma esfera, os segundos veem a imunização não apenas inútil como perigosa. E é inútil tentar convencer uns ou outros de que estão errados, nem usando a lógica, nem a história, nem a ciência. Eles ouvirão apenas seus próprios “especialistas”, que mostram que eles estão com a razão através de “pesquisas” ou com “exemplos que comprovam os fatos”.



Para essas pessoas, pouco importa ir contra evidências consolidadas há séculos. Elas acreditam apenas no que querem acreditar, estão cercadas por um grande grupo que defende as mesmas ideias e negarão qualquer prova que as desminta, por mais sólida que seja.

Assim, os terraplanistas não prejudicam quase ninguém além deles mesmos por causa de sua crença absurda; afinal, eles não vão mudar o fato de que a Terra é esférica apenas porque não acreditam nisso, e nem alguém vai cair no espaço quando chegar ao “fim” do planeta.

Mas no caso de quem ataca as vacinas, a coisa é muito mais grave. Ao espalhar e defender mentiras sobre os imunizantes, esse grupo se torna diretamente responsável pelo perigo de trazer de volta uma série de doenças já erradicadas ou mantidas sob controle há décadas. Aqui não estamos falando apenas de uma ideia ridícula, mas do fato de se colocar em risco a saúde e a vida de milhões de pessoas em todo o mundo.

5 - UMA LONGA RELAÇÃO

As notícias falsas estão muito longe de ser uma exclusividade do século XXI. Elas sempre existiram, em qualquer período da história que se considere – as únicas diferenças são o nome (o termo *fake news* foi criado há pouco tempo) e a forma de transmissão (a internet).

Mas nunca faltaram exemplos de fake news – ou dos efeitos muitas vezes desastrosos que elas causaram. Alguns exemplos:

No ano de 999, a Europa viveu uma onda de loucura coletiva: seria o último ano antes do Apocalipse, que viria mil anos depois da primeira vinda de Cristo. Ao final desse prazo, Ele viria uma segunda vez, descendo sobre Jerusalém. Milhares de franceses, alemães e italianos acreditaram e venderam ou abandonaram tudo que tinham e foram para o Oriente garantir sua salvação. Os poucos que duvidaram e ficaram acabaram muito ricos, adquirindo casas, terras e bens por valores irrisórios. A loucura só acabou na primeira madrugada do primeiro dia do ano 1000, quando nada aconteceu.



Por centenas de anos, a passagem de meteoros pelos céus da Terra sempre foi sinônimo de fim do mundo, causando ondas de pânico em maior ou menor grau. Um dos exemplos mais famosos aconteceu em 1832, ano em que a Europa literalmente parou: negociantes, agricultores, artesãos - todos ficaram 365 dias numa expectativa ansiosa, sem cuidar de seus negócios, porque os astrônomos previam que o Continente seria atingido por um meteoro (que destruiria o planeta na sequência). E embora dessa vez ninguém tenha abandonado suas casas, tanta inatividade da economia acabou causando uma crise econômica.



Mais próximo da nossa época, em 1999, o mundo inteiro só falava de uma coisa: o Bug do Milênio - um suposto defeito nos relógios internos dos computadores que, na passagem do dia 31 de dezembro para 1º de janeiro de 2000, provocaria uma pane que derrubaria aviões, faria explodir usinas nucleares e apagaria todos os dados bancários de cada cidadão do planeta. Quase ninguém dormiu naquela noite - mas à exceção de um outro caso isolado e sem consequências graves, nada aconteceu.



E para não esticarmos demais a lista, um último exemplo ainda mais recente mostra como continua sendo fácil convencer milhões de pessoas sobre profecias do fim do mundo. Desta vez, ela teria sido feita pelos maias, que falavam sobre "o fim de uma era" após um ciclo de 5.126 anos - ciclo que terminaria exatamente no dia 21 de dezembro de 2012. E como não havia 22 de dezembro nos calendários maias, era "óbvio" que o mundo realmente acabaria no dia 21. Repare que estamos falando de apenas onze anos atrás, quando a tecnologia, a educação e o acesso à informação não eram assim tão diferentes de hoje. Mas esta fake news era tão "bem fundamentada", foi divulgada e discutida por tanto tempo, que milhões de pessoas acreditaram nela - a ponto de estocar água e comida, se enfiar em abrigos subterrâneos e fazer cursos de "sobrevivência pós-apocalíptica". O dia 21 veio e passou, o dia 22 transcorreu sem nenhuma surpresa. Só então se parou para pensar que talvez o "fim de uma era" citado pelos maias significasse apenas o encerramento de um período, seguido pelo início de outro.



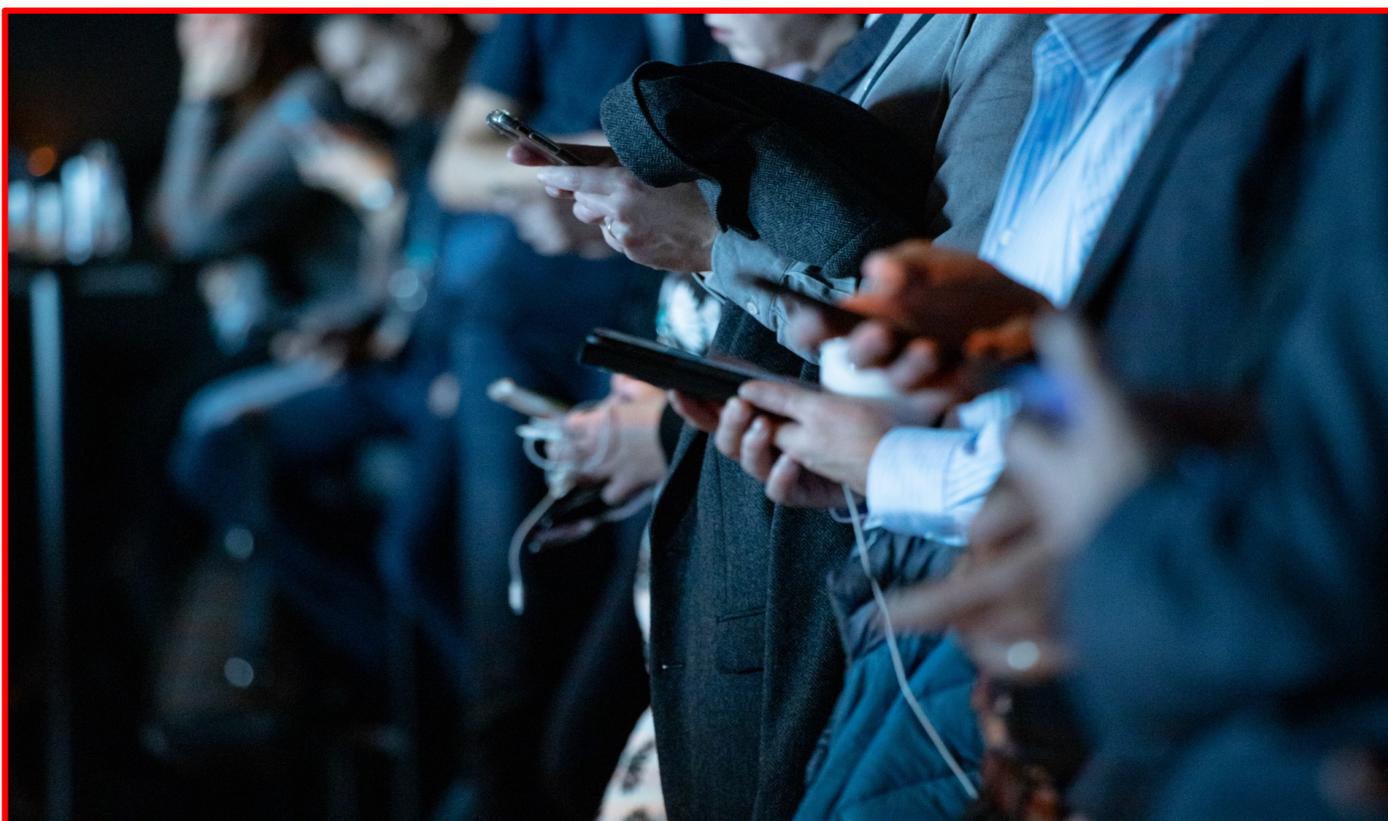
6 – CULPA DELES, CULPA NOSSA

Como vimos, o potencial das fake news para causar estragos em escala local ou global sempre foi imensa, pouco importando a forma pela qual elas viajam - a pé, a cavalo, em antigas naus ou através de fibras ópticas. O tempo só fez mudar sua velocidade e seu alcance, mas nunca sua essência: uma mentira bem contada.

Velocidade e alcance são essenciais para se espalhar um boato. E nunca foi tão fácil atingir tantas pessoas em tão pouco tempo como hoje, quando somos bilhões conectados à internet. É uma questão matemática: quanto mais pessoas acessam uma mentira, maiores são as chances de alguém acreditar nela.

Parte dessa situação é responsabilidade das grandes empresas da internet, particularmente as que gerenciam as redes sociais - que por mais que afirmem o contrário, não têm um controle efetivo sobre o que as pessoas postam. É exatamente por isso que as redes sociais são o canal preferido dos produtores de fake news.

Mas a maior parte da culpa é mesmo nossa, da reação irracional que temos frente a uma “notícia” polêmica, chocante, assustadora ou o que for que nos impressione: simplesmente a reenviamos aos nossos contatos, sem nunca nos darmos ao trabalho de checar se elas são verdadeiras ou não – ou mesmo se fazem algum sentido. É daí que nascem as ondas de boatos que volta e meia assolam a internet.



Junte-se a isso o “imediatismo” (sinônimo para “preguiça”), que gera leitores incapazes de lidar com um texto com mais de três linhas, com a nossa tendência de criar “bolhas virtuais”, bloqueando contatos ou publicações que tenham posições diferentes das nossas, e está explicado porque nos deixamos enganar com tanta facilidade.

CONCLUSÕES

A exposição às fake news, a não ser que se viva numa ilha deserta (e sem sinal de internet) é inevitável. Elas nos atingem numa quantidade e numa velocidade inéditas na história. Não temos como evitá-las – mas podemos aprender a lidar com elas.

Se fosse preciso resumir em uma única palavra todos os cuidados necessários para evitar ser vítima de uma fake news, essa palavra seria **duvide**. Duvide sempre e sem exceções de tudo o que chegar até você pela internet em geral e pelas redes sociais em particular. Textos, fotos, vídeos - só acredite no que puder ser confirmado em portais jornalísticos confiáveis. Não porque eles sejam infalíveis, mas porque jamais inventam fatos. Se algo foi publicado, esteja certo de que aquela informação foi checada e conferida.

Por fim, tenha em mente que, ao acreditar numa fake news, você estará se deixando manipular, explorar ou prejudicar em benefício de alguém. Quem acreditou no fim do mundo no ano de 999 e vendeu tudo o que tinha por quase nada ficou na miséria; mas quem não acreditou e adquiriu os bens ficou rico. Mil anos depois, quem acreditou no Bug do Milênio correu para comprar e instalar programas que impediriam o problema (que não existia), fazendo a alegria de quem criava e vendia esses programas.

Acreditar numa notícia falsa nunca trará nada de bom para você, mas pode ter certeza que ela vai beneficiar quem a criou. Sempre haverá algum interesse por trás delas, seja político, econômico, religioso ou qualquer outro. Aprender a identificar e combater as fake news é a garantia de não se deixar ser manipulado por ninguém. Na internet ou fora dela.

LEITURA RECOMENDADA

Como não ser enganado pelas fake news – Flávia Aidar e Januária Cristina Alves
Pós verdade e a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news – Matthew D'Ancona

SITES DE CHECAGEM DE NOTÍCIAS

[Www.projetocomprova.com.br](http://www.projetocomprova.com.br)
[Www.aosfatos.org](http://www.aosfatos.org)
[Www.boatos.org](http://www.boatos.org)
[Www.uol.com.br/confere](http://www.uol.com.br/confere)

[Www.lupa.uol.com.br/jornalismo](http://www.lupa.uol.com.br/jornalismo)
[Www.estadao.com.br/estadao-verifica](http://www.estadao.com.br/estadao-verifica)
[Www.g1.globo.com/fato-ou-fake](http://www.g1.globo.com/fato-ou-fake)